

ALLAN KARDEC



O homem

Allan Kardec nasceu em Lyon, França, a 3 de outubro de 1804. Seu verdadeiro nome era Hippolyte-Léon-Denizard Rivail. Filho de pais católicos, foi criado no Protestantismo, mas não abraçou nenhuma das duas religiões - preferiu situar-se na posição de livre pensador e homem de análise. A rigidez do dogma o afligia, afastando-o das concepções religiosas. Ele era incompatível com os princípios da fé cega e o excessivo simbolismo das teologias e ortodoxias.

Escrevendo sobre a personalidade de Allan Kardec, o emérito dr. Silvino Canuto Abreu afirmou o seguinte:

"De cultura acima do normal nos homens ilustres de sua idade e do seu tempo, impôs-se ao geral respeito desde moço. Temperamento infenso à fantasia, sem instinto poético nem romanesco, todo inclinado ao método, à ordem, à disciplina mental, praticava, na palavra escrita ou falada, a precisão, a nitidez, a simplicidade, dentro dum vernáculo perfeito, escoimado de redundâncias.

De estatura meã, apenas 165 centímetros, e constituição delicada, embora saudável e resistente, o professor Rivail tinha o rosto sempre pálido, chupado, de zigomas salientes e pele sardenta, castigado de rugas e verrugas. Fronte vertical comprida e larga, arredondada ao alto, erguida sobre arcadas orbitárias proeminentes, com sobranceiras abundantes e castanhas. Cabelos lisos e grisalhos, ralos por toda a parte, falhos atrás (onde alguns fios mal encobriam a larga coroa calva da madureza), repartidos, na frente, da esquerda para a direita, sem topetes, confundidos, nos temporais, com as barbas grisalhas e aparadas que lhe desciam até o lóbulo das orelhas e cobriam, na nuca, o colarinho duro, de pontas coladas ao queixo. Olhos pequenos e afundados, com olheiras e pápulas. Nariz grande, ligeiramente acavaletado perto dos olhos, com largas narinas entre rictos arqueados e austeros. Bigode rarefeito, aparado à borda do lábio, quase todo branco. Pera triangular sob o beijo, disfarçando uma pinta cabeluda.

Semblante severo quando estudava ou magnetizava, mas cheio de vivacidade amena e sedutora quando ensinava ou palestrava. O que nele mais impressionava era o olhar estranho e misterioso, cativante pela brandura das pupilas pardas, autoritário pela penetração a fundo na alma do interlocutor. Pousava sobre o ouvinte como suave farol e não se desviava abstrato para o vago senão quando meditava, a sós. E o que mais personalidade lhe dava era a voz, clara e firme, de tonalidade agradável e oracional, que podia mesclar agradavelmente desde o murmúrio acariciante até as explosões de eloquência parlamentar.

Sua gesticulação era sóbria, educada. Quando distraído, a ler ou a pensar, confiava os "favoris". Quando ouvia uma pessoa, enfiava o polegar direito no espaço entre dois botões do colete, a fim de não aparentar impaciência e, ao contrário, convencer de sua tolerância e atenção. Conversando com discípulos ou amigos íntimos, apunha algumas vezes a destra no ombro do ouvinte, num gesto de familiaridade. Mantinha rigorosa etiqueta social diante das damas."

O intelectual

O jovem Rivail fez os primeiros estudos em Lyon e completou sua bagagem escolar em Yverdun, Suíça, com o célebre professor Pestalozzi, de quem cedo se tornou um dos mais eminentes discípulos, colaborador inteligente e dedicado. Recebera do berço um nome querido e respeitado. Grande número de seus antepassados distinguiram-se na advocacia e na magistratura pelo talento, saber e probidade. Desde cedo, porém, sentiu-se atraído para as ciências e para a filosofia.

Bacharel em letras e em ciências e doutor em medicina, Rivail era também lingüista insigne: fluente em alemão, inglês, italiano e espanhol, conhecia igualmente o holandês, língua na qual podia exprimir-se facilmente.

Com intensa vida intelectual, Rivail foi despertado para o exame das manifestações das chamadas mesas girantes em 1854, por meio do magnetizador Fortier, que conhecia de seus estudos sobre magnetismo. A esse tempo, a curiosidade do mundo voltava-se para os inúmeros fatos psíquicos que ocorriam por toda a parte e que posteriormente culminaram no advento da altamente consoladora doutrina que recebeu o nome de Espiritismo.

Aos 51 anos, sem a euforia própria das criaturas ainda não amadurecidas e inexperientes, dedicou-se à observação e ao estudo dos fenômenos espíritas. Homem de ponderação, caráter íntegro e saber profundo, Rivail não escreveu sob a influência de idéias preconcebidas ou de espírito de sistema. Ao contrário, aplicou à nova ciência o método da experimentação: observava atentamente, comparava e deduzia as conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas pelo encadeamento lógico dos fatos. Não admitia como válida uma explicação senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão; então formulava a lei que regia o fenômeno.

Dois anos depois, em 18 de abril de 1857, sob o pseudônimo de Allan Kardec, divulgou *O Livro dos Espíritos*, dando início ao processo de codificação da doutrina espírita. Em 1858, iniciou a publicação da famosa *Révue Spirite*. Lançou *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864) e *O Céu e o Inferno* (1865). Finalmente, em 1868, *A Gênese - os milagres e as predições* completou o pentateuco do Espiritismo. A nova doutrina não foi, entretanto, criação do homem, e sim uma revelação divina à humanidade.

Surgiu em defesa dos postulados evangélicos, numa época em que o materialismo avassalador conquistava as inteligências e os cérebros mais brilhantes da Europa e das Américas.

O codificador

Na ingente tarefa de codificação do Espiritismo, Allan Kardec contou com o valioso concurso de três meninas que se tornaram as médiuns principais no trabalho de compilação de O livro dos Espíritos: Caroline Baudin, Julie Baudin e Ruth Celine Japhet. As duas primeiras intermediaram a concatenação da essência dos ensinamentos espíritas e a última, os esclarecimentos complementares.

Por sugestão dos Espíritos, finalizada a obra e confirmados todos os ensinamentos ali contidos, Allan Kardec recorreu a outros médiuns, estranhos ao primeiro grupo, dentre os quais: Japhet e Roustan, médiuns intuitivos; a senhora Canu, sonâmbula inconsciente; Canu, médium de incorporação; a senhora Leclerc, médium psicógrafa; a senhora Clement, médium psicógrafa e de incorporação; a senhora Pleinemaison, auditiva e inspirada; a senhora Roger, clarividente; e a senhorita Aline Carlotti, médium psicógrafa e de incorporação.

Pelo seu profundo e inexcedível amor ao bem e à verdade, Allan Kardec edificou para sempre o maior monumento de sabedoria que a Humanidade poderia ambicionar. Pela compreensão racional e positiva das múltiplas existências, desvendou, à luz meridiana dos postulados cristãos, os grandes mistérios da vida, do destino e da dor.

A obra

A primeira sociedade espírita regularmente constituída foi fundada por Allan Kardec em Paris, no dia 1o de abril de 1858. Seu nome era "Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas". A ela o codificador emprestou valioso concurso, trabalhando para que atingisse os objetivos que motivaram sua criação.

A codificação da Doutrina Espírita colocou Kardec na galeria dos grandes missionários e benfeitores da Humanidade. Sua obra é um acontecimento tão extraordinário quanto a Revolução Francesa. Esta estabeleceu os direitos do homem dentro da sociedade, aquela instituiu as ligações do homem com o universo, dando-lhe as chaves dos mistérios que o assoberbavam, dentre eles o problema da morte, até então não equacionados pelas religiões.

A missão do mestre, como havia sido prognosticada pelo Espírito de Verdade, era de escolhos e perigos. Cabia-lhe não apenas codificar a terceira revelação, mas principalmente despertar para ela a Humanidade e motivar esta à transformação. E essa missão lhe foi tão árdua que, em nota de 1o de janeiro de 1867, Kardec referia-se a ingratidões de amigos, ódios de inimigos, injúrias e calúnias de elementos fanatizados. Ele, entretanto, jamais perdeu o entusiasmo diante da tarefa.

Hippolyte-Léon-Denizard Rivail - Allan Kardec - faleceu em Paris, em 31 de março de 1869, na idade de 65 anos, sucumbindo à ruptura de um aneurisma.